

O escritor Pedro Calmon, autor de *A Bala de Ouro*

romantismo

A BALA DE OURO

Um crime e sua história

Está transcorrendo, neste ano de 1997, o cinquentenário de um dos mais importantes livros da bibliografia histórica batina. Em 1947 a José Olympio Editora lançava *A Bala de Ouro - história de um crime romântico*, de Pedro Calmon. Foi acreditados o "mais amado" de toda a bibliografia do autor. Usando pesquisa documental da mais segura via, recolhendo depoimentos da tradição oral, conferindo memórias do próprio pai, revendo a biografia dos envolvidos na história central e no quadro em que ela se situa, Pedro Calmon recruta a Cidade do Salvador do meio do século XIX, período rico de idéias e de fatos e, nela, faz transitar as *dramatis personae* do episódio que a tantos apaixonou. A própria obra justifica o partido tomado para redigi-la: "Este livro pudera ser uma novela. É do período romântico e tem consonâncias sentimentais com o *Fanny* de Camille Púdera ser um romance de pitoresco panejamento informativo, suspendendo o palco do seu teatro verídico paisagens e costumes de uma época digna de memória. Púdera ser - veja-se isto - uma tese jurídica, ou de corte científico, em que se promove a precedência de grandes idéias libertas, no domínio da criminologia. Púdera ser história seca, barrada de exatidões dotadas. O que quer que fosse, na escola dos livros que fazem dum episódio da vida real - mais interessante porque colabora para a sua análise a emoção popular - motivo e na-leo de pesquisas enfiandô-las. Preferimos contar nele, com

amabilidade e nitidez: o estranho caso do Dr. Lisboa, do seu amor de perdição e de sua penitência inaudita, dando-lhe os tons cabalísticos de narrativa romântica; de história documental, de recuperação crítica, de revisão, enfim, daquele "processo" contraditório. Amabilidade e nitidez. Nestas duas palavras o caráter, a tônica, a definição da história do crime romântico do professor João Estanslan da Silva Lisboa, de 28 anos (*24.06.1819), que, a tiro, matou, no dia 20 de abril de 1847, a prometida - ou assim julgada - Júlia Fetal, de 20 anos (*03.02.1827). A Bahia dos dias inquietos do período regencial, convivendo com as dificuldades nos negócios do açúcar, que forçavam a mudança de mãos da fortuna privada, viu, entre muitas outras alterações da sua vida, a criação do Liceu Provincial. Eram as ambições universitárias que chegavam com atraso; ambições capazes de conferir o grau de Bacharel em Ciências e Letras, título sonhado e, desde a colônia, tão requerido. A casa do hospício dos agostinianos de Nossa Senhora da Palma encontrou bom destino: sediar a vertente humanística da comunidade. Foi lá que estudou e logo se graduou um jovem de agitada história de vida: nascido em Calcutá, filho de mãe inglesa e pai da alta finança do império português, morador em solar batano a cavaleiro do porto, fez-se erudito quando seria legítimo esperar viesse a se tornar mais um "abastado negociante desta praça". Professor de História, por concurso, na mesma casa dos seus estudos, era homem de

trânsito social, rico, "bom partido", em suma, aquele para quem todos poderiam vaticinar bela nova e bom casamento. E isto se desenhou em Júlia Fetal, da melhor gente batana. Tudo para dar certo, menos o amor dela e a compreensão dele. O crime foi muito mais do que o tiro e a morte. Foi assunto para mil discussões apaixonadas que envolveram toda a cidade. Verdades e suposições, fatos e boatos, tudo esmiuçado ao menor detalhe. Dos colegas de magistério no Liceu aos professores da escola de médicos do Terreiro de Jesus; dos comerciantes de grosso trato nos trapiches da praia às moças dos sobrados do Carmo e do Pelourinho, nenhum outro assunto poderia ser mais importante. Até a lenda da "bala de ouro", bala

feita com o ouro da aliança de noivado fundida em projétil, nasceu e ganhou consistência de verdade. Preso em flagrante o professor homicida, de abril a setembro instruiu-se o processo. Lisboa contundentes, depoimentos apaixonados, despachos sisudos, todo o aparato judiciário preparava o julgamento. Instruídos os autos, marcou-se a data do júri. Foi a 28 de setembro que João Estanslan da Silva Lisboa sentou-se no banco reservado aos réus. O livro de Pedro Calmon completa 50 anos. O crime do texto vai a século e meio. No texto do historiador, o episódio merece tratamento exemplar. O esclarecimento minucioso que vem de documento médio localizado em arquivo não tem por que

sentir-se deslocado junto à oportuna citação de Beccaria, Bentham, Romagnoli ou outro penalista de conceitos vigentes ao tempo; se o encontro dos advogados ocorre no Aljube da cidade, não há porque, com toda a propriedade e competência, omitir notícia sobre aquela casa do aparato penal que vinha de remotas Ordenações. Há, em tudo, a beleza plena e fluida do bem dizer que só a permanente filtragem do talento e a permanente decaência da cultura conseguem. A descrição e recuperação do "clima" em que ocorreu o julgamento põe Pedro Calmon nos seus tempos de repórter, na primeira mocidade. Há uma evidente agilidade jornalística no texto, sem qualquer sacrifício para a boa história. E, mais do que isto, há um muito bem-sucedido exercício de linguagem recuada, ao gosto de tempo da ocorrência. "Presidia ao tribunal, na sala ampla do Aljube, em 28 de setembro, o juiz: da 1ª Vara Crime, Francisco Marques de Araújo Góes. Na véspera, noticiaram as folhas os nomes dos jurados: Manoel dos Santos Sepúlveda, Custódio Fernandes Genipapeira, Dr. João



(...) "a acusação ia buscar à sua moldura de menina e moça o vulto esguio de Júlia" (...) "esvoaçando na criminologia farfalhante" ... Ilustração: desenho de Aubrey Beardsley (1872-1898)

EXPEDIENTE

Edição: Florivaldo Mattos
Reportagem: Tatiana Lima
Diagramação: Heloisa Sampaio
Progr. Visual: Carlos Rodrigues
Revisão: Raymundo Alves

Endereço: A TARDE
Av. Tancredo Neves, 1.092 - Caminho das Árvores
CEP 41822-900
Internet: <http://www.atarde.com.br>

NOTA
As reproduções de obras de Tarsila do Amaral, adiante publicadas, foram extraídas do catálogo da exposição *Tarsila*, anos 20, graças a gentileza de Lu Fernandes, Escritório de Comunicação S/C Ltda., atendendo à solicitação do editor.